



Especialização em Educação de Jovens e Adultos
(CEEJA)



Módulo II – Sujeitos da EJA



Eixo: Questões Raciais

Apresentação: Francisca de Lima Constantino

As relações raciais no Brasil: algumas reflexões

- **Contexto histórico e social das tensões vividas entre brancos e negros na sociedade brasileira**

- Para reconstruir um pouco da história do negro e das relações raciais no Brasil, assim como, as representações que fazem parte do imaginário brasileiro sobre o ser branco e o ser negro, tomamos como base, Ianni e Fernandes, bem como, Maciel, Cunha Jr, Cavalleiro, Coelho, e Munanga & Gomes.

- De acordo com Ianni (1988), ao longo dos séculos XVI a XIX, houve um grande crescimento econômico em todo o mundo. Na Europa, expandiu-se a manufatura, depois a indústria e conseqüentemente o trabalho livre. Nessa mesma época, nas colônias, cresciam as *plantations*, os engenhos e as *encomiendas*.

- O trabalho escravo foi a base da produção e da organização social nas *plantations* e engenhos, enquanto nas *encomiendas* e outras formas de organização de produção havia formas de trabalho compulsório.

- No Brasil, predominaram até certa época os engenhos e mais tarde ganharam destaque as plantações de café.
- Assim, enquanto colônia de Portugal e grande exportador de matéria-prima, durante séculos o Brasil manteve, essencialmente como mão-de-obra fosse nas plantações, na mineração ou no serviço doméstico, o trabalho escravo.
- Segundo Ianni (2004), do início do tráfico de africanos no século XVI ao seu término no século XIX, foram trazidos da África cerca de 9.500.000 negros para as Américas.
- Desses, a maior parte destinaram-se ao Brasil, que importou trinta e oito por cento do total, sendo os demais direcionados a outros países.
- Vale destacar que o Brasil foi o último país do Ocidente a libertar a população negra da escravidão.

“A exploração do trabalho compulsório, em especial do escravo, estava subordinada aos movimentos do capital comercial europeu” (IANNI, 2004, p. 21).

- Tudo girava em torno dos interesses do capitalismo que dava seus primeiros sinais de expansão na Europa, principalmente na Inglaterra que, ao possuir maior acúmulo de capital, podia impor à Espanha, Portugal e outros países suas condições de comércio e, conseqüentemente, influenciava direta ou indiretamente a forma de vida e de trabalho nas colônias.

- Nessas condições que, a partir da metade do século XIX, a economia brasileira, e concomitantemente a sociedade, passa por grandes mudanças sob influência de uma série de acontecimentos que vão ocorrendo ao longo do período em conseqüência do surto industrial que se expande com grande intensidade na segunda metade do século XIX.

(...) durante a segunda metade do século XIX, a estrutura econômico-social no Brasil modificou-se profundamente. Expande-se a produção mercantil e criam-se interesses econômicos novos, distintos daqueles configurados na cafeicultura. A diferenciação crescente da estrutura econômico-social manifesta-se no aparecimento e expansão das atividades econômicas não agrícolas. (...) É nesse contexto que a mercantilização das atividades produtivas e das outras relações econômicas adquire maior amplitude. A partir desse momento, a coexistência entre a mercadoria e o escravo se torna cada vez mais difícil. Tornam-se incompatíveis. (IANNI, 2004, p.16)

- Neste período, a sociedade brasileira passa por conflitantes mudanças econômicas e sociais, que irão interferir diretamente nas relações raciais, pensando brancos, negros e imigrantes que aqui chegavam.
- Com a expansão do café, e o início do comércio, outras atividades foram surgindo como o artesanato, o setor de serviços e o setor fabril.
- O fazendeiro foi ganhando características empresariais e a fazenda transformando-se em empresa.
- O regime escravista não se ajustava mais aos novos valores da sociedade urbana que se formava no Brasil, inspirada na cultura européia.
- O escravo, que era um negócio vantajoso, deixou de sê-lo, tornando-se um problema, pois já não correspondia às novas aspirações da sociedade que emergia em torno do capitalismo, o qual visava produção e consumo.

(...) Na situação em que a sociedade brasileira se encontrou a partir de meados do século XIX, o escravo se torna, cada vez mais, um *fator* sujeito a riscos imprevisíveis. À medida que se diversificava internamente o sistema econômico, quando o capital encontrava novas aplicações lucrativas, o escravo se tornava um elemento de eficácia relativa reduzida ou discutível. À medida que a economia de mercado se desenvolve internamente, com a gênese de um setor artesanal e fabril, além da expansão e diferenciação do setor de serviços, instauram-se mais ampla e profundamente os valores fundamentais da cultura capitalista, tais como: propriedade privada, como forma concreta de capital; lucro, como função dos fatores e da direção dos empreendimentos; salário, como remuneração da mão-de-obra efetivamente utilizada na produção (...). (IANNI, 2004, p.47)

- É neste contexto que chega legalmente o fim da escravidão no Brasil.
- Após três séculos de trabalho servil, os negros se vêem “livres” com a Abolição da Escravatura, no dia 13 de maio de 1888.
- Com base em Maciel (1985), a escravidão permaneceu após o 13 de maio, durante anos, fosse com práticas escravistas ou no pensamento das pessoas.
- Durante este período a tradição escravocrata procurava estabelecer relações sociais e de trabalho baseados no regime escravo, submetendo as pessoas ao trabalho forçado, açoites, limitação de ir e vir e casamento forçado, esta situação atingia principalmente às pessoas negras, mas alguns imigrantes italianos também sofreram tais tentativas.

- Cunha Jr (2008), traz o conceito de abolição inacabada, ou seja, este foi um processo que deveria ter produzido uma revolução social e modificado de forma significativa a vida dos ex-escravos, entretanto, isto não ocorreu, segundo ele, a abolição tornou-se inacabada no momento em que políticas sociais em favor dos afrodescendentes foram freadas, impossibilitando uma mobilidade social entre eles.

- Maciel (1985), explica que após a abolição da escravatura, os negros perderam o seu local de trabalho, sendo este ocupado pelos trabalhadores brancos. O que significou para o negro desemprego, entendido pelo autor como perda do local de trabalho.

- Os negros libertos não tiveram preparo para a inserção no mercado de trabalho por várias razões, como a falta de familiaridade com a procura de empregos, a competitividade, a imigração, o excedente de mão-de-obra, etc.

“(...) a lei abolicionista não possibilitou a cidadania para a massa de escravos e de seus descendentes. A partir da promulgação da lei, os escravos e seus descendentes foram segregados social e politicamente”. (CAVALLEIRO, 2000, p.28)

Na ânsia de prevenir tensões raciais hipotéticas e de assegurar uma via eficaz para a integração gradativa da “população de cor”, fecharam-se todas as portas que poderiam colocar o negro e o mulato na área dos benefícios diretos do processo de democratização dos direitos e garantias sociais. Pois é patente a lógica desse padrão histórico de *justiça social*. Em nome de uma igualdade perfeita no futuro, acorrentava-se o “homem de cor” aos grilhões invisíveis do seu passado, a uma condição subumana de existência e a uma disfarçada servidão eterna. (FERNANDES, 1978, p.197)

- É nesta relação conflituosa de amparo, repulsa e ideais de igualdade que se gerou no seio da sociedade brasileira o mito da democracia racial, denominado por Florestan Fernandes como um fruto ilegítimo, o qual nasceu da idéia de que as relações entre brancos e negros estavam de acordo com os fundamentos do regime republicano.

- Ianni e Florestan, também destacam falas e associações estereotipadas em relação aos negros como: “negro pensa que já virou gente”, “negro que não suja na entrada, suja na saída”, “negro” e “cachaceiro”, “negro” e “vagabundo”, “negro” e “desordeiro”, “negra” e “mulher à-toa”, “malandros e farristas”, “submissos e humildes”, entre tantos outros adjetivos que desqualificam a pessoa do negro e tantos outros que super valoriza o branco.

(...) a pior das conseqüências da ação do estereótipo é a auto-rejeição e a rejeição ao seu outro igual, é esse ódio contra si próprio que a ideologia coloca no oprimido, um tipo insidioso de inferiorização que resulta em desagregação individual e desmobilização coletiva. (SILVA, 1995 *apud* CAVALLEIRO, 2000, p.63)

“o preconceito racial não se confunde com o de classe. Se se confundisse, não teríamos as atitudes e comportamentos discriminatórios entre indivíduos pertencentes à mesma classe”.
(IANNI, 2004, p.66)

- Ianni (2004) destaca a relação ideológica que existe entre brancos e negros, sendo que os primeiros colocam-se sempre na posição de superioridade, subestimando explícita ou implicitamente os negros.

- Além disso, a cor da pele é um fator também fundamental dentro das relações raciais, seja entre brancos e negros, seja entre os próprios negros.

- O fato de ter a cor da pele mais clara, pode significar maior aceitação pelos brancos, o que acaba causando também uma negação do mestiço à sua origem negra/africana.

- A ideologia branca penetra na consciência do negro, que passa a desejar um ideal branco e também o coloca como o único responsável pela sua situação desprivilegiada e desigual.

Há as diferenças de cidadania evidentes na condição do alfabetizado e do analfabeto, as diferenças entre o fazendeiro, o sitiante, o colono, o camarada e o bóia-fria; entre o industrial e o operário; e assim por diante. Ao lado dessas diferenças, marcadas pela condição sócio-econômico da pessoa, há as diferenças de base racial. É aqui que se situam os negros, os mulatos e os índios. É aqui que se evidencia que essas pessoas são cidadãos de categoria diversa do branco. Isto é, um operário negro é um cidadão diferente do branco. Ele tem menor acesso às instituições que garantem a cidadania. O capataz o discrimina, em favor do branco; e assim por diante. Na prática, o princípio da cidadania somente opera pela classificação das pessoas - negros, mulatos, índios, brancos - em cidadãos de categoria diversa. (IANNI, 2004, p.132)

- No entanto, isso não significa uma passividade dos negros e indígenas frente às condições sociais e econômicas impostas pelos brancos, ao contrário, estes grupos sempre procuraram uma forma de luta e resistência.
- Com base em Fernandes (1965), o negro começa a ganhar espaço no início do século XX e, nas primeiras décadas, surgem os movimentos sociais que irão impor de forma crítica as reivindicações da população negra que começa não apenas a tomar consciência crítica de sua situação, mas também passa a lutar pelos seus direitos, conforme ditam as leis do novo regime democrático.
- Entre os “movimentos políticos” realizados pelos negros, ganham destaque o jornal *O Clarim d’Alvorada* e a *Frente Negra Brasileira* (FNB). A Frente Negra Brasileira - movimento de caráter nacional que se estruturou como partido político, foi extinto pela ditadura do Estado Novo no final da década de 30. (IANNI, 2004)

A ideologia da “democracia racial” aparece como um elemento complicador da situação do negro. Essa ideologia, embora se tenha fundamentado nos primórdios da colonização e tenha servido para proporcionar a toda a sociedade brasileira o orgulho de ser vista no mundo inteiro como sociedade pacífica, persiste fortemente na atualidade, mantendo os conflitos étnicos fora do palco das discussões. Embora exerça muita influência na sociedade, pouco contribui para melhorar concretamente a situação dos negros. Representa uma falácia que serve para encobrir as práticas racistas existentes no território nacional e isentar o grupo branco de uma reflexão sobre si mesmo. (CAVALLEIRO, 2000, p.29)

A idéia de convivência pacífica entre brancos e negros, assim como as idéias que se tem dos negros como menos inteligentes, pouco dados ao trabalho, à higiene e fortemente vinculados ao samba, ao carnaval, às festas e à preguiça são imagens que fazem parte de um imaginário social, ou seja, de representações que se têm da figura do negro e que constituem representações sociais. (COELHO, 2005, p.22)

- Por trás das relações raciais, há representações negativas sobre a imagem do negro, que são perpetuadas pela própria história da escravidão; por uma ideologia branca; muitas vezes por um silêncio que esconde a realidade, por um preconceito sutil, velado e cruel.

- Com base em Munanga e Gomes (2006), a África foi o berço de diversas civilizações, constituída de reinos, impérios, cidades-estados e outras formas políticas baseadas no parentesco, como chefias, clãs, linhagens, etc.: *“Entre as civilizações mais antigas da história da humanidade, algumas desenvolveram-se no continente africano, como a egípcia, a cuxita, a axumita e a etíope”*. (MUNANGA e GOMES, 2006, p.34)

- Houve um processo de desconstrução da história africana e das contribuições do seu povo, negando sua cultura e conhecimento. *“Essa negação foi uma estratégia político-ideológico que visava rechaçar o negro do processo civilizatório universal, a fim de justificar a colonização, a dominação política e a exploração econômica de suas riquezas”*. (MUNANGA e GOMES, 2006, p.37)

Racismo, preconceito e discriminação

- Com base em Munanga e Gomes (2006), **o racismo** é um comportamento, uma ação resultante da aversão em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial no qual fatores observáveis como a cor da pele, o tipo de cabelo, o formato do olho, etc; os distingue dos demais e por possuírem traços fenotípicos diferentes daqueles considerados superiores são vítimas de preconceito e discriminação. *“O racismo é resultado da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a qual se tenta impor como única e verdadeira”*. (MUNANGA e GOMES, 2006, p.179)

O preconceito é um julgamento negativo e prévio que os membros de uma raça, de uma etnia, de um grupo, de uma religião ou mesmo de indivíduos constroem em relação ao outro. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade, pois tende a ser mantido a qualquer custo, sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se do conceito ou opinião formado antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos e a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro. (MUNANGA e GOMES, 2006, p.182)

A discriminação compreende qualquer distinção, exclusão ou preferência com base em motivos de raça/etnia, cor, sexo, religião, opinião política, ascendência nacional ou origem social, que tenha por efeito anular ou alterar a igualdade de oportunidades ou de tratamento no emprego e na ocupação. (ALGARVE, 2005, p.25)

Para Munanga e Gomes (2006, p.184), “*a discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito*”. Por isso, faz-se necessário discutirmos a superação do preconceito, juntamente com as formas de superação do racismo e da discriminação racial, pois estes três processos se complementam mutuamente, mas diferem entre si. (MUNANGA e GOMES, 2006)

Tabela 1: População total e respectiva distribuição percentual, por cor ou raça, segundo as regiões do país

Regiões	Distribuição percentual da população brasileira total, por cor ou raça e segundo as regiões			
	Branca	Preta	Parda	Amarela ou Indígena
Brasil	48,4	6,8	43,8	0,9
Norte	22,9	5,1	71,0	1,0
Nordeste	29,3	7,9	62,2	0,6
Sudeste	56,8	7,7	34,4	1,0
Sul	78,7	3,5	17,0	0,8
Centro-Oeste	42,2	6,5	50,2	1,0

* Dados referentes ao ano de 2008

Tabela 2: taxa de analfabetismo das pessoas com 15 anos ou mais, por cor ou raça, segundo as regiões do país

	Taxa percentual de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade			
		Cor ou raça		
	Total	Branca	Preta	Parda
Brasil	10,0	6,2	13,3	13,7
Norte	10,7	7,6	13,9	11,4
Nordeste	19,4	15,7	20,7	20,9
Sudeste	5,8	4,2	8,9	7,8
Sul	5,5	4,2	9,8	10,1
Centro-Oeste	8,2	5,6	12,7	9,5

* Dados referentes ao ano de 2008

Tabela 3: taxa de analfabetismo funcional das pessoas com 15 anos ou mais, por cor ou raça, segundo as regiões do país

	Taxa percentual de analfabetismo funcional das pessoas de 15 anos ou mais de idade, segundo as grandes regiões do país			
		Cor ou raça		
	Total	Branca	Preta	Parda
Brasil	21,0	15,8	25,5	26,3
Norte	24,2	19,1	29,6	25,2
Nordeste	31,6	26,5	32,3	34,0
Sudeste	15,8	13,0	21,2	19,4
Sul	16,2	14,3	22,4	23,8
Centro-Oeste	19,2	15,3	24,0	21,5

* Dados referentes ao ano de 2008

A luta do escravo pela afirmação da sua humanidade em uma sociedade que o via como coisa e mercadoria é compreensível quando analisamos a sociedade escravista. Incompreensível é pensar que, em outros moldes, o negro brasileiro ainda continua vivendo essa tensão, porém, com matizes diferentes, numa sociedade que se diz uma democracia racial. (GOMES, 2008, p.136)

Grupo de Discussão com crianças de 8 a 9 anos

GD1p1-Cç1/marron: Por que a menina chamou a moça de macaca.

Pesquisadora: Chamou a Teresa de macaca, né.

GD1p1-Cç1/marron: É ruim, né. Eu já fui chamada de macaca, pelo Caio. Eu já fui chamada de macaca.

Cç4/branco: Se você vê é uma coisa errada, se você vê algum..., alguma pessoa branca fica na rua que nem mendigo, você vê só pessoa negra.

Orientadora: E isso será que é sinal de que as pessoas negras são mais mal cuidadas aqui nesse país?

Cç4/branco: Tem emprego que só aceita pessoa branca até.

Profa.: Vocês acham legal o que aconteceu com elas?

GD1p1-Cç3/pardo: Não. (.....)

Pesquisadora: Marcelo você falou que não e por que você acha que não?

GD1p1-Cç3/pardo: Acho que não, porque é racismo.

GD1p2-Orientadora: É, eu queria falar. Alguém falou, né, lá no começo da conversa que essas coisas acontecem porque tem racismo, não é? E que racismo, então é tratar mal as pessoas

Cç1/branco: Por causa da pele, né!

GD1p1-Cç2: Quando eu entrei no projeto todo mundo começava me xingar de macaca.

Orientadora: E como é que você se sentiu?

Cç2: Ruim.

Orientadora: É.

GD1p1-Cç2: Chateada.

Orientadora: E o que você falava para as pessoas?

GD1p1-Cç2: Nada.

§12.GD1p1-Pesquisadora: Então, no nosso país a gente tem o negro, tem o índio, tem o branco e por que existe tanta diferença assim entre o branco, negro e índio, como vocês falaram a gente não escuta xingando tanto os brancos. A gente vê como a professora Roseli falou nas novelas a maioria das pessoas que estão na nossa tela são brancas, nos comerciais são pessoas brancas, a gente não vê os índios e os negros, por quê?

Cç4/branco: É porque ainda tem um pouco de racismo, ainda no Brasil.

Falas de uma mulher negra de 34 anos – mãe

MG: É que ainda... aqui.. o mundo do jeito que está hoje, né..., já não era para ter tanto preconceito, mas tem, tem bastante preconceito, ainda mais com pessoa de cor. A gente vê que às vezes é uma simples brincadeira, que hoje já é crime, uma simples brincadeira, hoje já é crime, mas a gente vê sim em todos os lugares, é em ônibus, é em baile, é em toda repartição em geral, no Brasil tem esse preconceito e principalmente com as pessoas de cor, né?

MG: Você vê que até teve uma pesquisa que eu vi uma reportagem uma vez aí que estava falando que os negros ganham muito menos que os brancos, né.

Fala de uma mulher branca, 26 anos - professora

P- e assim... é engraçado que quando eles falam, é porque eles são diferentes do estilo em que a sociedade tanto..., vamos pensar no estilo europeu que a sociedade tanto, considera importante, não é! Então daí eles falam que o meu sonho era ter olho azul, meu cabelo liso...

“(...) Não sou apenas objeto da *História*, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, *constato* não para me *adaptar*, mas para *mudar*”.

(FREIRE, 1996, p.77)